

# Ação Formativa e Cibernética



1ª Semana – 1 a 8 de novembro de 2019

---

Boletim nº 05/2019

## Educação Musical e Ancestralidade Negra

---

Por Marcos dos Santos Santos

Até finais do século XIX, quando da separação entre Igreja Católica e o Estado, o corpo humano, enquanto materialidade, estava submisso a ideologias judaico-cristãs (católicas e reformadas) as quais, de modo ortodoxo, buscavam de todas as formas santificar esta matéria fosse encobrendo com muitas roupas; fosse chicoteando; fosse atirando-o em fogueiras ou apenas exigindo que ela, o corpo-matéria, permanecesse sentado, em modo cristalizado. Esta maneira de “santificar” ou - adequando ao nosso contexto-, esta maneira de “educar” foi e ainda é uma tônica no sistema de ensino tradicional brasileiro, o qual tem sido resiliente à possibilidade deste corpo-inerte poder ser uma das muitas formas que o constitui enquanto matéria viva: o ser movimento.

Mudar ideologias que se enraizaram ao longo de séculos, e que de modo extensivo foram e têm sido apresentadas como verdades incontestes, é uma tarefa um tanto laboriosa, mas não impossível. O corpo é diverso e único ao mesmo tempo. Paralisar o corpo não deveria ser uma premissa do educar. Corpo é energia, é movimento. A linguagem mental, espiritual e corporal é uma só; ambas materializadas no corpo.

A adoção dos métodos de educação musical elaborados pelo homem branco, hétero, cristão euroamericano nas instituições de ensino de música no Brasil trouxe consigo a ratificação de continuidades coloniais que em pouco, ou em nada, contribuiu para se perceber o uso do corpo como lugar de chegada e partida das experiências (des)educacionais a ele apresentadas. A institucionalização das metodologias cartesianas, anti-coletivista e homogeneizadoras presentes nos clássicos da literatura de ensino de música, enviesou de maneira demarcada o consciente coletivo dxs (des)educadorxs musicais brasileirxs, na medida em que, afora a invisibilização de outras possibilidades epistemológicas, a criatividade deste(a)s profissionais esteve fadada a se bulir e se reinventar dentro de limites bem estabelecidos.

O corpo é nossa casa. Casa que habitamos do nascimento até à morte. O corpo também é a nossa presença indelével nos espaços do mundo. Ele também é o lugar onde carregamos nossas razões e emoções. O corpo nunca é passivo: o mundo imprime marcas no nosso corpo e nosso corpo imprime expressões no mundo.

[...]. Os corpos carregam, para além dos membros e dos órgãos internos, paisagens da História (ZINK, 2008, p. 47). [AMMA – PSIQUE E NEGRITUDE]

Por ser energia, movimento, o corpo não se contém em si e está sempre em busca do compartilhamento. Em contraponto a esta reflexão, está posto que, o aluno(a) “mal educado(a)” é sempre aquele que desobedece às regras de comportamento em sala de aula. “Você levantou por que? Senta, menina”. “Não é para tocar agora. Não está vendo na partitura?”. Para estas manifestações de incômodo - muitas vezes por estar sendo castrado, tolhido-, nos foi ensinado a classificar este corpo como mal educado, desobediente. Mas, esse modo de educar, não seria universal? Se eu aprendi assim e todos os meus colegas também usam deste modelo, como poderíamos fazer de outra forma? Uma educação pautada na doutrina não é educação, é adestramento. O corpo pensa, o corpo fala, o corpo sente e reage. Moldar o corpo a um desenho único em prol de um resultado canônico, mecânico e não flexível é uma atitude perversa, desrespeitosa. Isso é tudo o que a Educação Musical latino-americana não precisa ter e nem deve continuar se apoiando.

Nesse sentido, o lançar mãos de um posicionamento político decolonial e a reivindicação de um fazer pedagógico-musical que dialogue com as temáticas próprias de nosso tempo se torna uma condição imperativa. Se faz necessário pensar uma reformulação do que se entende enquanto Educação Musical, de modo que haja uma maior aproximação entre este fazer e os conhecimentos afro-latino-americanos a partir de uma compreensão cultural-musical presente na concepção da cosmovisão africana, percebendo esta estrutura de pensamento como elo de ligação possível na atuação conjunta entre neste campo.

Por esta via, se torna possível pensar uma epistemologia da Educação Musical onde o corpo, então castrado, assuma o lugar de veículo receptor e condutor das subjetividades próprias de um pensamento afrocentrado<sup>1</sup>, onde a ancestralidade se torna a “linha guia” responsável por tornar singular (e não homogêneo) a pluralidade cultural da diáspora africana no território latino-americano. Os candomblés, a capoeira, os cocos, os maracatus, as crianças, sobretudo, estão aí para nos mostrar qual o caminho devemos seguir. Um caminho que embora se pareça novo, é muito antigo, resistente e renovável.

Fruto do agora, a ancestralidade ressignifica o tempo do ontem. Experiência do passado ela atualiza o presente e desdenha do futuro, pois não há futuro no mundo da experiência. A cosmovisão africana é, então, a epistemologia dessa ontologia que é a ancestralidade (OLIVEIRA, 2012, p. 39-40).

É sintomático a dificuldade que muitos profissionais/professores(as) de música tenham para compreender e, muito mais, ensinar/compartilhar saberes musicais próprios das culturas africana, afro-diaspóricas e a dos povos originários, ditos indígenas. Ocorre que o modelo hegemônico de ensino de música já não tem dado conta de explicar e nem dialogar com linguagens e produções de sentido engendradas pelas camadas sociais subalternizadas.

---

<sup>1</sup> Enquanto ideia, o afroentrismo “refere-se essencialmente à proposta epistemológica do lugar. Tendo sido os africanos deslocados em termos culturais, psicológicos, econômicos e históricos, é importante que qualquer avaliação de suas condições em qualquer país seja feita com base em uma localização centrada na África e sua diáspora. Começamos com a visão de que a afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural de acordo com seus próprios interesses humanos” (ASANTE, 2009, p. 39).

A Educação Musical desconectada com sua realidade, nesse sentido, é observada como um elemento potencializador de ações excludentes no âmbito da diversidade étnico-cultural. Ao passo em que as corporalidades, gestualidades e musicalidades negras e indígenas não são percebidas enquanto potentes na expansão do conhecimento científico academicista, bem como sobre visões de mundo complementares, o exercício da alteridade não é realizado e o discurso da diferença não contempla seu caráter de "diversidade", mas sim de relação de poder ao modo de hierarquias entre o Eu e o outro: e isso é tudo o que um fazer pedagógico-musical não precisa.

Hoje, mais do que nunca, precisamos voltar nossos olhos e ouvidos para o que as nossas mais velhas, nossos mais velhos, nossos ancestrais negros têm a nos ensinar. Para eles, a música sempre esteve conectada com a vida profunda: o nascer, o cuidar, o crescer, o morrer e, sobretudo, o fazer política. Não podemos nos permitir a desconexão desta forma de estar no mundo, e a música, aqui, é o nosso fio condutor.

Saravá,

Marcos dos Santos Santos

Marcos é natural de Berimbau, negro, pai do Davi e amante das tradições populares, sou defensor de uma universidade pública livre e engajada com questões e demandas locais. Ingressei no ensino superior por via das cotas raciais, sou educador licenciado e mestre em Musicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia. Atuei como membro do grupo de pesquisa NEMUS (Núcleo de Estudos Musicais) como bolsista PIBIC/CNPQ no período de 2008 a 2010, onde desenvolvi pesquisas sobre a história da música na Bahia (e da Bahia) aos olhos da Musicologia Histórica. Atualmente, em processo de doutoramento, desenvolvo pesquisa no âmbito da música afro-orientada (de matriz africana) na Bahia junto ao campo da Etnomusicologia. Enquanto professor de música, atuei em escolas regulares de educação infantil, ensino fundamental e médio, bem como em escolas específicas de música, tendo sempre como linha guia os estudos afrocentrados, sejam eles históricos ou contemporâneos. Enquanto músico, atuo no cenário local integrando conjuntos de música que dialogam com os temas que estudo; sejam estes grupo de música instrumental (popular, de concerto e música eletrônica) além de acompanhar intérpretes de alcance nacional e internacional.